



## ‘ENTRE-ÁGUAS’ LITERÁRIAS: ESTUDO SOBRE A MEMÓRIA E TRADIÇÕES EM A TERCEIRA MARGEM DO RIO, DE JOÃO GUIMARÃES ROSA, E NAS ÁGUAS DO TEMPO, DE MIA COUTO

Mayara Gonçalves de Paulo\*  
Jussara Bittencourt de Sá\*\*

**Resumo:** Este artigo apresenta um estudo sobre os contos *A Terceira Margem do Rio*, de João Guimarães Rosa, e *Nas Águas do Tempo*, de Mia Couto. O objetivo é analisar como elementos das referidas obras da literatura brasileira e da africana, respectivamente, poderiam remeter à memória e a tradição dos tempos e lugares. Esta pesquisa é qualitativa e a análise desenvolve-se ancorada no escopo teórico acerca de reflexões sobre a memória e tradições culturais. Neste estudo, procura-se evidenciar a relevância de se lançar olhar às literaturas ficcionais também como constructos de (e para) os tempos e lugares.

**Palavras-chave:** Memória. Tradição. Entre-lugar.

**Abstract:** This article presents a study upon the tales *The Third Riverbank* by João Guimarães Rosa and *In Time Waters* by Mia Couto. The objective of this work is to analyze how the elements into the referred works of Brazilian and African literature, respectively, could remit to the memory and the tradition of times and places. The research is qualitative and the analysis develops anchored about memory and cultural traditions. This study also seeks to highlight the relevance of looking at the fictional literature as constructs of times and places.

**Keywords:** Memory. Tradition. In-place.

\* Universidade de Santa Catarina - UNISUL.  
Mestranda em Ciências da Linguagem pela UNISUL.  
E-mail: may\_paulo@hotmail.com

\*\* Professora do Programa de Pós-graduação em Ciências da  
Linguagem - UNISUL.  
Doutorado em Literatura pela UFSC.  
E-mail: jussara\_sa@hotmail.com



REVISTA  
**MEMORARE**

  
www.portaldeperiodicos.unisul.br  
ISSN 2358-0593

## 1. Introdução

Neste artigo, apresenta-se um estudo sobre os contos *A Terceira Margem do Rio*, de João Guimarães Rosa<sup>1</sup>, e *Nas Águas do Tempo*, de Mia Couto<sup>2</sup>. O objetivo é analisar como essas representações brasileira e africana, respectivamente, apreendem a memória e a tradição, bem como a relação do entre-lugar nas linhas em prosa.

As investigações sobre costumes e tradições, aspectos religiosos e etc., fazem parte da construção de uma memória. Segundo Le Goff (1999, p. 423), “a memória, como propriedade de certas informações, remete-nos em primeiro lugar, a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou a que ele representa como passadas.” Assim, ao se abordar questões da memória, deve-se levar em consideração que se trata de uma cultura de um povo, da vida em comunidade.

A memória exerce o papel de contribuir e manter as tradições. Desta forma, constrói-se uma memória social/coletiva na qual os mais velhos ligados aos mais jovens retomam as tradições para impedir que elas se apaguem nas gerações futuras. A valorização da tradição é de extrema importância, pois em muitas comunidades, é através da tradição que se transmite conhecimentos aos mais jovens, e assim mantêm-se uma continuidade da identidade de um povo. A tradição possibilita a preservação da sabedoria e do conhecimento. De acordo com Nascimento e Ramos (2011, p. 5), “a palavra transmitida na oralidade conduz a herança ancestral tão valorizada”.

Bhabha (1998, p. 21) afirma que “o reconhecimento que a tradição outorga é uma forma de identificação. Ao reencenar o passado, este introduz outras temporalidades culturais incomensuráveis na invenção da tradição. Esse processo afasta qualquer acesso imediato a uma identidade original ou uma tradição ‘recebida’”.

Neste sentido, a relação de uma comunidade/um povo com a tradição permite a busca de uma identidade; e tanto a memória quanto a tradição passam a representar um meio de se transmitir às futuras gerações sabedoria e conhecimento de fatos passados.

Contar e narrar histórias define a ligação de tradições e costumes que contribuem com a perpetuação de uma memória.

---

<sup>1</sup> João Guimarães Rosa nasceu em Cordisburgo-MG. Em 1930 formou-se em medicina e atuou em várias cidades do interior de Minas Gerais. Durante o ano de 1934, Rosa iniciou sua carreira diplomática e foi a serviço do Estado para a Alemanha durante a Segunda Guerra Mundial. Como escritor, Guimarães Rosa fez parte da Geração de 30 do Modernismo Brasileiro, no qual as obras desta época ficaram conhecidas como regionalistas, pois eram retratadas regiões como o sertão e o nordeste brasileiro.

<sup>2</sup> António Emílio Leite Couto (Mia Couto) nasceu na cidade de Beira em Moçambique. Foi jornalista e hoje é biólogo, escritor e professor. Como escritor tem produzido livros importantes com histórias bem marcadas, pois busca identificar os aspectos da identidade cultural e da memória de seu povo, retratando seus costumes, suas tradições e sua realidade.



As narrativas orais eram passadas de pessoa a pessoa, de um grupo a outro, de geração a geração. O exercício de (re)contar as histórias reflete-se na compreensão do homem sobre ele mesmo e sobre os indivíduos com os quais interage. Sob esta perspectiva, Benjamin (1994) compreendia a narrativa como transmissão das vivências que transitam de indivíduo a indivíduo, por meio de fatores culturais, ao ligar os acontecimentos relatados com os vividos.

Desta forma, a passagem de uma tradição, relacionada aos aprendizados e as lembranças passadas, destacam a importância de uma continuidade e perpetuação da tradição, pois a recordação e a memorização são elementos constituídos culturalmente e que fazem parte da vida em sociedade.

A memória define-se ainda como lembranças de um passado que surge no pensamento de cada indivíduo; ou mesmo ainda como a habilidade de guardar fatos ou informações vividos no passado. De acordo com Leal (2014, p. 2), “lembrar de algo requer a existência de um acontecimento e de um ator”. Nesta perspectiva, é necessária a participação de um indivíduo em um fato, seja ouvinte ou ator, que relembre tal situação e que possa guardá-la e relatá-la.

Observa-se também que o narrador, na ação de contar, mesmo que narre histórias demarcadas por leituras pessoais, ultrapassa a *memória individual*, e integra-se a uma *memória coletiva* do grupo a que pertence.

A memória individual, segundo Halbwachs (1990), pode ser compreendida como aquela que cada pessoa traz em si, ou seja, trata-se das experiências individuais de cada indivíduo. A memória individual não é totalmente fechada e isolada. Ela é limitada no tempo e no espaço.

A memória coletiva é uma construção social, construída pelas pessoas a partir de suas experiências vivenciadas, suas relações e seus valores. A memória coletiva se reporta a um grupo sendo que cada pessoa constrói em si uma lembrança, relacionando-se à comunidade, visto que “nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos” (HALBWACHS, 1990, p. 26).

Sendo assim, a memória configura-se em um processo que se constitui nas relações humanas. De acordo com Pollak (1992), a memória é um elemento coletivo e social. Ela transmite a herança cultural dos fatos marcados em sociedade. Desta maneira, a memória pode ser seletiva, pois as pessoas têm lembranças das situações de maior importância, as que representaram algo e ficaram marcadas no inconsciente.

## 2. Nas águas da Literatura: *A terceira margem do rio* e *Nas águas do tempo*





As considerações acerca da memória e das tradições culturais seguem rumo pelas águas da literatura, ancorando assim as reflexões sobre *A terceira margem do rio*, de Guimarães Rosa, e *Nas águas do tempo*, de Mia Couto.

Percebemos que, já em seus títulos, os contos sugerem movimentos do rio, com suas passagens e suas margens. Nas linhas dos contos, os autores transfiguram a vida verossímil e onírica.

Observamos em “A terceira margem do rio” e em “Nas águas do tempo” afinidades quanto à definição dos narradores e dos personagens (que fazem parte dos elementos da memória e da transformação) são respectivamente, o filho e o neto e, o pai e o avô. O pai e o avô são os personagens que passam a viver na terceira margem do rio.

No conto “A terceira margem do rio” o narrador é um personagem. Em seus relatos o narrador releva sua incompreensão em relação à atitude do pai que, sem nenhuma razão aparente, resolve construir uma canoa com espaço somente para uma pessoa e com esta canoa entra no rio, para nunca mais sair. O homem, um pai de família, considerado uma pessoa comum, passa a refletir a imagem de um indivíduo afastado da sociedade.

O narrador conta que:

Nosso pai era um homem cumpridor, ordeiro, positivo; e sido assim desde mocinho e menino... [...] Nosso pai não voltou. Ele não tinha ido a nenhuma parte. Só executava a invenção de se permanecer naqueles espaços do rio, de meio a meio, sempre dentro da canoa, para dela não saltar, nunca mais. (ROSA, 1967, p. 32-33).

No conto “Nas águas do tempo”, o narrador-personagem relata como o avô tinha relação com os outros habitantes da margem do rio. Esta relação deveria ter prosseguimento, pois a vontade do avô era não ser “o último a ser visitado pelos panos” (COUTO, 1994, p. 16). Neste sentido, a intenção do avô era que o neto aprendesse a enxergar os panos brancos do outro lado da margem, a fim de que o menino, simbolizando a juventude, substituísse o idoso e, desta maneira, perpetuasse os costumes e tradições ensinados pelo avô, símbolo da memória e transmissão de ensinamentos. Na história, o elemento sobrenatural é marcado, sublinhado. De acordo com Carvalho (2012, p.4), “a aura de sonho imbricada ao desejo de continuidade envolve a narrativa”.

No entanto, no conto de Guimarães Rosa não fica evidente que o filho substituirá o pai. O que aparece é a curiosidade em saber qual o motivo do afastamento do pai e a sua permanência no rio, bem como a preocupação com a sua mudança física:

[...] ele agora virara cabeludo, barbudo, de unhas grandes, mal e magro, ficado preto de sol e pêlos, com o aspecto de bicho, conforme quase nu,



mesmo dispondo das peças de roupas que a gente de tempos em tempos fornecia. (ROSA, 1967, p. 35).

O rio é o elemento primordial das duas narrativas, pois ele é o lugar de mistérios no qual outros seres habitam. O rio passa a ser um entre-lugar, que permite um movimento e uma passagem onde há o paralelo entre o real e o imaginário, o bem e o mal, ou seja, onde as diferenças se encontram e se cruzam.

O entre-lugar reajusta os limites de tempo e espaço, e faz com que o além-mundo seja o lugar do aqui e do agora. “É neste sentido que a fronteira se torna o lugar a partir do qual algo começa a se fazer presente em um movimento não dissimular ao da articulação ambulante, ambivalente, do além que venho traçando [...]”. (BHABHA, 1998, p. 24). Sendo assim, o rio (como entre-lugar) constitui os espaços sociais onde as culturas se encontram. É, portanto, um lugar carregado de significados, que reflete em mudanças significativas para os personagens.

Neste entre-lugar existe a possibilidade do diálogo entre o Eu e o Outro, isto é, um espaço em que possibilite a construção das diferenças, um *Terceiro Espaço*. Segundo Bhabha (1998, p. 69), o “[...] Terceiro Espaço permite que se comecem a vislumbrar as histórias nacionais, antinacionalistas, do ‘povo’. E, ao explorar esse Terceiro Espaço, temos a possibilidade de evitar a política da polaridade de emergir como os outros de nós mesmos”.

O trecho abaixo no conto de Mia Couto revela o cuidado do avô com relação ao Outro:

Nós temos olhos que se abrem para dentro, esses que usamos para ver os sonhos. O que acontece, meu filho, é que quase todos estão cegos, deixaram de ver esses outros que nos visitam. Os outros? Sim, esses que nos acenam da outra margem. E assim lhes causamos total tristeza. (COUTO, 1994, p.16).

A passagem acima mostra-nos a vontade do avô de manter a interação e a comunicação com os outros seres da outra margem. A falta de visão (cegueira) mencionada pelo personagem não tem relação ao sentido literal da palavra, mas sim aos seus aspectos culturais, de tradição, de respeito aos antepassados, pois não contemplá-los ou não vê-los significaria desatar um laço que liga o passado ao presente. O mesmo não acontece “Na terceira margem do rio”, pois vários são os esforços para fazer com que o pai deixasse o rio: “nossa mãe incumbiu ao padre que um dia se revestisse, em praia de margem, para esconjurar e clamar a nosso pai o dever de desistir de tamanha teima. [...] Tudo o que não valeu de nada”. (ROSA, 1967, p. 34).

Desta forma, observamos que no conto “A terceira margem do rio” há um processo de rompimento/descontinuidade da tradição, pois o filho quando teve a chance de ficar no lugar de seu pai, assusta-se com toda a situação e anula o destino dos dois personagens; enquanto que, em “Nas águas do tempo”, percebemos que existe um processo de continuidade, visto que o



neto continua com o ritual dos panos, assumindo o lugar de seu avô. Tudo isso podemos evidenciar nos trechos abaixo:

Nosso pai carecia de mim. [...] Eu estava muito no meu sentido... [...] E falei, o que me urgia, jurado e declarado, tive que reforçar a voz: - “Pai, o senhor está velho, já fêz o seu tanto... Agora, o senhor vem, não carece mais... O senhor vem, e eu, agora mesmo, quando que seja, a ambas vontades, eu tomo o seu lugar, do senhor na canoa”... Ele me escutou. Ficou em pé. Manejou remo n’água, proava pra cá, concordando. E eu tremi, profundo, de repente: porque, antes, ele tinha levantado o braço e feito um saudar de gesto, o primeiro, depois de tantos anos decorridos! E eu não podia... Por pavor, arrepiados os cabelos, corri, fugi, me tirei de lá, num procedimento desatinado. Porquanto que ele me pareceu vir: da parte de além. E estou pedindo, pedindo, pedindo um perdão. (ROSA, 1967, p. 36-37).

Presenciei o velho a alonjar-se com a discrição de uma nuvem. Até que, entre a neblina, ele se declinou em sonho, na margem da miragem. [...] Foi então que deparei na margem, do outro lado do mundo, o pano branco. Pela primeira vez, eu coincidia com meu avô na visão do pano. Enquanto ainda me duvidava foi surgindo, mesmo ao lado da aparição, o aceno do pano vermelho do meu avô. [...] E vi: o vermelho do pano dele se branqueando, em desmaio de cor. [...] Enquanto remava um demorado regresso, me vinham à lembrança as velhas palavras de meu avô: a água e o tempo são irmãos gémeos, nascidos do mesmo ventre. E eu acabava de descobrir em mim um rio que não haveria nunca de morrer. A esse rio volto agora a conduzir meu filho, lhe ensinando a vislumbrar os brancos panos da outra margem. (COUTO, 1994, p. 16-17).

Na passagem de “Nas Aguas do Tempo” realiza-se a perpetuação de uma tradição a partir de uma cerimônia. E o rio, como entre-lugar, é onde a mudança dos personagens é concretizada. O mesmo não acontece em “A Terceira Margem do Rio” como o trecho acima comprova. O personagem de Guimarães, achando ter entendido a situação do pai, decide substituí-lo na canoa, mas quando esta possibilidade se manifesta o filho a rejeita e foge.

Assim, quando analisamos as duas narrativas aqui expostas, percebemos que os comportamentos do pai e do avô são impulsionados por propósitos diferentes, provocam condutas distintas e, desta maneira, obtêm diferentes significados. As histórias nos apontam comportamentos distintos no que diz respeito à relação entre as pessoas. No conto de Rosa, o afastamento do pai desperta desconforto e preocupação em seu filho. Entretanto, no conto de Mia, o comportamento do avô causa conforto e compreensão no neto.

### 3. Considerações finais



Podemos inferir que nas narrativas aqui analisadas há um discurso de memória, tradição e entre-lugar, pois os autores buscaram através de seus textos construir identidades a partir de uma nova maneira de observar a realidade.

Porém, há sempre uma necessidade contínua de se buscar algo. Neste sentido, o que a racionalidade não consegue compreender é o que está além das margens do rio.

Mia Couto representa por meio da memória e da tradição resgatar e preservar as identidades culturais a partir de um olhar de compreensão ao passado. Guimarães Rosa procura ressaltar o entre-lugar como uma forma de observar e entender o transcendental, que muitas vezes foge à compreensão humana.

Neste sentido, observamos que os contos em análise apontam um possível lugar que perpassa e direciona a existência humana. Esta busca sinaliza uma insatisfação/incompreensão eterna. Se os espaços do planeta Terra já foram conhecidos e desbravados pelo homem, os da imaginação e dos sentimentos precisam de uma chave para adentrá-los: a arte.

## Referências

BENJAMIN, Walter. O Narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 197-221.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Disponível em: <[http://minhateca.com.br/v.voltar/Hist\\*c3\\*b3ria/Livros%20de%20humanas/BHABHA\\*2c%20Homi.%20O%20local%20da%20cultura,24381172.pdf](http://minhateca.com.br/v.voltar/Hist*c3*b3ria/Livros%20de%20humanas/BHABHA*2c%20Homi.%20O%20local%20da%20cultura,24381172.pdf)>. Acesso em: 06 nov. 2014.

CARVALHO, Wilma Avelino de. **O hibridismo cultural em Guimarães Rosa e Mia Couto**. Disponível em: <<http://desenredos.dominiotemporario.com/doc/15-art-Wima-Rosa-Mia.pdf>>. Acesso em: 08 nov. 2014.

CORREIA, Patrícia; MILLIET, Joana; PORTO, Terêncio. **A terceira margem do rio**. Que lugar é este? Disponível em: <<http://puc-riodigital.com.puc-rio.br/media/7%20-%20a%20terceira%20margem%20do%20rio.pdf>>. Acesso em: 08 nov. 2014.

HALBWACHS, Maurice. Memória coletiva e memória individual. In: HALBWACHS, Maurice **A memória coletiva**. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais LTDA, 1990, p. 25-47.

COUTO, Mia. **Estórias abensonhadas**. Disponível em: <[http://minhateca.com.br/ufbraga/Biblioteca/Literatura+Universal/Mia+Couto/Mia+Couto+-+Est\\*c3\\*b3rias+Abensonhadas,4700857.doc](http://minhateca.com.br/ufbraga/Biblioteca/Literatura+Universal/Mia+Couto/Mia+Couto+-+Est*c3*b3rias+Abensonhadas,4700857.doc)>. Acesso em: 06 nov. 2014.

LEAL, Luana Aparecida Matos. **Memória, rememoração e lembrança em Maurice Halbwachs**. Disponível em: <<https://www.letras.ufscar.br/linguasagem/edicao18/artigos/045.pdf>>. Acesso em 05 dez. 2014.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Disponível em: <<http://memorial.trt11.jus.br/wp-content/uploads/Hist%C3%B3ria-e-Mem%C3%B3ria.pdf>>. Acesso em 05 dez. 2014

NASCIMENTO, Lidiane Alves do; RAMOS, Marilúcia Mendes. **A memória dos velhos e a valorização da tradição africana: algumas leituras**. Disponível em: <<http://www.acordacultura.org.br/artigos/01112013/a-memoria-dos-velhos-e-a-valorizacao-da-tradicao-na-literatura-africana-algumas-leituras>>. Acesso em 06 dez. 2014.

POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio**. Disponível em: <<http://www.culturaegenero.com.br/download/silencio.pdf>>. Acesso em 17 nov. 2014.

ROSA, João Guimarães. A terceira margem do rio. In: ROSA, João Guimarães. **Primeiras estórias**. Rio de Janeiro: José Olympio Editôra, 1967, p. 32-37.

*Recebido em: 14/04/15. Aprovado em: 30/07/15.*